O LUGAR DA METÁFORA NA ARTICULAÇÃO DO RELIGIOSO E DO POLÍTICO NOS DISCURSOS DE LULA E SARNEY

*Denise Martins Bittencourt**

Resumo: Este artigo analisa a articulação entre os discursos político e religioso presente nas falas políticas de Lula e Sarney na campanha eleitoral de 2006, mais precisamente os mecanismos de funcionamento desta articulação e seus efeitos de sentido, sobretudo a partir do uso de metáforas e analogias.

Palavras-chave: Discurso político -Discurso religioso - Efeito metafórico

Chantal Mouffe, em uma perspectiva Schmittiana, estabelece uma distinção entre o “político” e a “política”. *O político* seria o campo das lutas, do antagonismo presente em todas as sociedades, o qual pode assumir diferentes formas e emergir em diferentes tipos de relações sociais. Já *a política* diz respeito ao conjunto de práticas (discursos) e instituições que buscam organizar e instaurar uma certa ordem nas relações humanas, marcadas potencialmente pelo conflito. Conflito este, originário do campo político (Mouffe, 2005).

Partindo dessa idéia, podemos afirmar que não há política sem discurso, pois este é constitutivo daquele. Por *discurso* entendemos todo o processo, toda a ação que visa dar sentido ao real, ou seja, o discurso é uma tentativa de fixar sentidos, sempre contingentes, conforme a definição de Laclau e Mouffe (1985).

Os discursos se organizam de várias formas, isto é, existem vários tipos de discursos: midiático, científico, ecológico, literário, jurídico, político e religioso, entre outros. Isto significa que há uma multiplicidade de lógicas (discursos) no interior da sociedade. Ao mesmo tempo em que cada discurso possui uma identidade própria, uma marca distinta que os leva a competir e muitas vezes a se antagonizar, os diferentes discursos existentes em uma sociedade também interagem e se completam. Porém, é verdade que há discursos dominantes em determinados momentos históricos e em outros não, podendo até mesmo virem a desaparecer, assim como há outros que persistem historicamente. Em relação aos sujeitos, estes são constituídos pela intersecção de múltiplos discursos. O sujeito pode ser ao mesmo tempo sujeito de discursos diversos e aparentemente contraditórios. A questão que se coloca, principalmente para o analista, é buscar compreender a lógica do funcionamento desses discursos, suas condições de produção, de emergência, bem como as relações que estabelecem entre si.

* Doutora em Ciência Política, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e professora das Faculdades Porto-Alegrenses (FAPA).

O presente artigo examina o discurso político e do discurso religioso, mais precisamente o seu mecanismo de funcionamento, os efeitos de sentido na e pela relação entre ambos os discursos presentes nas falas de Lula e de José Sarney, durante a campanha eleitoral de 2006.

O DISCURSO POLÍTICO

De modo geral, podemos dizer que o discurso político está intimamente relacionado com as formas de construção dos sentidos anteriormente mencionadas. Na verdade, o discurso político envolve todos os tipos de discursos produzidos na sociedade. Ele provém de uma formação discursiva que atribui posições não somente aos locutores autorizados, mas a todos os enunciadores, inclusive àqueles pertencentes a outras formações (Corten, 1999). Porém, ele possui a sua especificidade e aqui cabe justamente situá-la. O discurso político é aquele que é produzido, enunciado, nos locais das atividades políticas, onde se dá a representação do político. Segundo Corten (op. cit.), por representação do político entende-se a cena das forças políticas construídas pelo próprio discurso, o que supõe uma determinada configuração de poder. Portanto, seu local de enunciação é o da luta política. A luta política é o jogo da construção do antagonismo, em que cada discurso procura construir a sua visão de mundo em oposição à visão de mundo do adversário. Desse modo, o discurso político somente constrói a sua verdade a partir da desconstrução da verdade do outro. Ele se caracteriza principalmente pela polêmica e pela persuasão. Para P. Charaudeau (2006), não há política sem discurso. O discurso é constitutivo da política, onde a linguagem é o que motiva a ação, o que a orienta e, portanto, lhe dá sentido.

O DISCURSO RELIGIOSO

O discurso religioso, entretanto, possui outra forma de organização. Em primeiro lugar, este tipo de discurso não necessita, e tão pouco se orienta, pela “regra da prova” (op.cit, 2006), pois trata-se de um *discurso de fé*. Além disso, em que pese todo um processo de secularização vivido pelas sociedades, de modo geral o discurso religioso é o que possui maior pertinência histórica, isto é, um discurso que ainda mantém um grande poder de interpelação.

A seguir, passaremos a examinar o funcionamento discursivo da relação estabelecida entre o político e o religioso, presente nos discursos de Lula e José Sarney.

A ARTICULAÇÃO ENTRE O POLÍTICO E O RELIGIOSO NO DISCURSO DE LULA E JOSÉ SARNEY

A relação entre os discursos político e o religioso constitui-se em um fenômeno bastante conhecido e estudado por sociólogos e antropólogos, muito mais, é verdade, do que

pelos cientistas políticos, de modo geral. Para o analista do discurso, seja ele sociólogo, antropólogo ou mesmo cientista político, o ponto de partida é a percepção de que as práticas discursivas não são homogêneas. Um discurso mistura diversos tipos de seqüências, elementos que se aliam ou se afrontam em um determinado momento da luta política, dentro de uma formação social e dentro de uma determinada conjuntura. Portanto, as práticas discursivas são marcadas pela heterogeneidade, que diz respeito à presença de discursos “outros” no próprio discurso (Charaudeau & Maingueneau, 2006).

Com relação à análise dos discursos de Lula e Sarney, cabe mencionar que, dentro dos objetivos deste artigo, foram selecionados apenas alguns fragmentos discursivos que constituem um recorte da cena enunciativa, onde identificamos a articulação entre os dois tipos de discursos.

É bastante conhecido e antigo o hábito do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva de fazer uso de metáforas e analogias, inclusive de conteúdo religioso. Podemos encontrá-las muito antes de sua eleição, ainda por ocasião de uma de suas campanhas à presidência da República, no ano de 1993, quando realizava sua denominada “Caravana pela Cidadania”. Vejamos um exemplo de fragmento discursivo do referido ano:

“O vermelho da bandeira do PT é o sangue de Jesus Cristo na Cruz”
(Comício de Canudos, 12/05/1992).

Há vários outros exemplos após este período, mas preferimos nos limitar ao atual. Mais precisamente, no ano de 2006, durante os comícios de campanha pela reeleição, Lula, em certa ocasião comparou-se a Jesus Cristo e a Tiradentes, o mártir da Inconfidência, ambos condenados à morte após a traição de seus Companheiros. Esta analogia foi feita por Lula quando referiu-se ao escândalo do dossiê contra os Tucanos, arquitetado por petistas ligados ao seu comitê de campanha. Lula disse ter sido traído e responsabilizou o presidente do PT, Ricardo Berzoini, pelo caso do dossiê.

“A gente poderia pegar a história e iríamos perceber que numa mesa de doze, um traiu Jesus Cristo. Tiradentes também foi traído por seus companheiros”(comício em Sorocaba, 24/09/2006).

Em comício, após o primeiro turno da eleição presidencial de 2006, Lula declara:

“Ao invés de eles ficarem com tanta bronca de mim, eles deveriam pedir a Deus que eu ganhasse para eu poder deixar o Brasil muito melhor”.

E acrescenta:

“Foi Deus quem quis levar a disputa presidencial para o segundo turno no segundo turno é que a gente está podendo provar quem é quem”. (comício na região de cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo, 22/10/2006).

De modo geral, os fragmentos discursivos referentes à fala do Presidente Lula configuram em primeiro lugar, a presença de elementos lingüísticos que revelam claramente um “habitus de classe” (Bordieu, 1979; 1998), traços articulatórios característicos de uma classe ou de um setor de classe. São formas de expressão popular marcadas pela rejeição à formalização e à estilização da linguagem. No segundo fragmento, o discurso visa atingir seu destinatário (povo), através da sua forma e do seu conteúdo. Ele constrói um “nós” que apela ao “imaginário popular cristão e cívico” (Carvalho, 2001). A analogia entre Cristo, Tiradentes e o sujeito do discurso provocam um efeito de deslocamento, isto é, um apagamento de outros sentidos. Cristo e Tiradentes foram traídos, mas a diferença é que ambos assumiram a responsabilidade por tudo sozinhos.

No fragmento seguinte, Lula estabelece um corte antagônico entre “eles” (oposição, elites) e o “eu” (presidente), construindo-se como o único capaz de conduzir o país a uma situação melhor. Na última parte de seu discurso, aparece novamente o corte antagônico. Porém, agora configurado no “eles” (oposição, elites), de um lado, e o “eu-nós” (povo), de outro.

Lula constrói-se, portanto, como alguém do povo; ele faz parte do povo e, por isso mesmo, é o único capaz de entendê-lo e de resolver os seus problemas. Assim, Deus está do seu lado e mostrará quem de fato está do lado do povo.

Agora, vejamos como se manifesta o conteúdo religioso no discurso de José Sarney.

O ex-Presidente Sarney, líder da ala governista do PMDB, em campanha pelo terceiro mandato consecutivo como senador pelo Amapá¹, adotou, na campanha de 2006, um estilo distinto ao que normalmente tem marcado sua trajetória política. Desta vez, Sarney passou a associar sua trajetória política a uma “missão divina”, conforme enunciou em comício realizado no Amapá, às vésperas da eleição do primeiro de outubro. Vejamos o seguinte fragmento discursivo:

“Deus não me traria de tão longe se não tivesse uma missão para me dar e realmente tinha, que era a de democratizar o Brasil, ver a democracia ser finalmente instaurada no Brasil” (comício, Amapá, 30/09/2006).

Sarney estava aqui se referindo, sobretudo, à sua posse em 1985 no lugar de Tancredo Neves, que veio a falecer logo após ser eleito. Neste fragmento, Sarney coloca-se como portador de uma missão divina, “um escolhido por Deus”. Ele constrói os acontecimentos, principalmente aqueles que o levaram à presidência em 1985, como obra da vontade divina. Como Lula, Sarney se constrói como aquele que possui a missão de guiar o seu povo. Porém, ao contrário de Lula, Sarney não se constrói como alguém do povo. Ele toma para si a responsabilidade pela democratização do país, sugerindo que graças à sua presença e atuação foi possível a transição para o regime democrático. Ao chamar a atenção para si,

¹ José Sarney, natural do Maranhão, onde desenvolveu sua carreira política, adotou Macapá como domicílio eleitoral. Sarney e sua família possuem uma longa tradição na política maranhense e também em nível nacional, onde têm conseguido manter sua influência.

Sarney apaga o papel das outras forças políticas e mesmo populares também envolvidas neste processo. E, principalmente, apaga a sua condição, desde àquela época, de representante das forças políticas conservadoras. A referência ao passado constrói um campo de memória, através do qual seu discurso busca justificar a necessidade da sua continuidade na política nacional.

Em que pese as distintas origens e trajetórias políticas de Lula e Sarney: um, ex-operário, líder sindical, representante originariamente dos setores de esquerda; outro, político ligado aos setores conservadores, atuando na política nacional desde a ditadura militar, tendo chegado, ao final do antigo regime, à presidência da República com a morte de Tancredo Neves.

Hoje, aliados políticos, ambos colocam em prática estratégias discursivas, através de um dispositivo também resultante da interação entre os diversos atores envolvidos. As estratégias discursivas colocadas em prática pelos dois políticos, visam atrair a adesão do público e dependem para a sua eficácia de vários fatores, entre os quais, da sua identidade social, da forma como se relacionam com a opinião pública e com os outros atores políticos, quer sejam aliados ou adversários (Charaudeau, 2006).

O discurso político, conforme mencionamos anteriormente, se caracteriza pela persuasão. A persuasão no discurso político transcende a razão. Ela envolve paixão e valores. Nesse sentido, todo o político é um portador de valores, ele pretende ser a voz de todos na sua voz. Porém, não apenas isso, pois muitas vezes ele também busca fundir-se em um “nós”.

Dissemos que o discurso político envolve todos os outros discursos produzidos na sociedade o que equivale a dizer que ao mesmo tempo em que ele invade outras formações discursivas, é também invadido por elas.

Na análise dos discursos políticos de Lula e Sarney constatamos um funcionamento discursivo que aponta claramente a presença do religioso no interior de suas falas, onde ambos (sujeitos) do discurso trazem o religioso para dentro do político. Em relação a isso, podemos dizer que todo o político busca construir uma imagem de si para se fazer crer e para persuadir o maior número de indivíduos possíveis, demonstrando que compartilha com eles dos mesmos valores. Desse modo, os discursos políticos apelam, muitas vezes, para mitos, símbolos, crenças e imaginários existentes em uma sociedade, a fim de provocar a adesão.

Em relação ao discurso religioso, cabe mencionar que nas sociedades democráticas o poder do político provém de uma delegação, de certa forma revestida de um caráter sagrado, na medida em que é o povo, em nome de princípios estabelecidos e através de procedimentos ritualísticos, quem lhe confere o mandato. No que diz respeito ao discurso político, este também costuma se caracterizar pela presença de metáforas. A metáfora, na sua acepção lingüística, apresenta-se como uma substituição de palavras por analogia entre domínios estranhos, provocando, dessa forma, uma modificação no conteúdo semântico do chamado termo metafórico (Charaudeau & Maingueneau, 2006).

Nesta acepção, a metáfora seria um desvio do sentido literal. Alguns autores, entretanto, opõem-se a esta concepção. Pêcheux (1969), por exemplo, considera que a metáfora constitui-se em um mecanismo presente em todo o processo de produção dos sentidos.

Para ele, o efeito metafórico é um fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual que provoca um “deslizamento de sentido” entre dois ou mais termos. Para o autor, os sentidos de um discurso são determinados pelas condições de produção desse discurso, pois todo processo de produção do discurso se dá pelo constante deslizamento de sentidos, através do qual é substituído por outros.

A metáfora está, portanto, na base do movimento dos sentidos e, conforme Pêcheux, para haver discurso é preciso que se passe de um sentido a outro. Sobre este mesmo tema, T. Herbert (1967) faz uma importante reflexão sobre a relação da ideologia com a linguagem, mais precisamente, a ideologia como parte integrante e necessária do processo de construção dos sentidos. Da mesma forma que Pêcheux, a concepção de Herbert aponta um deslocamento de sentido provocado no emprego da metáfora, pela presença, sobretudo, da ideologia, a qual naturaliza a relação entre os significantes, ocasionando, assim, um efeito de apagamento de outros sentidos. Como podemos ver, esse tipo de estratégia discursiva exerce muitas vantagens no interior do discurso político. Porém, a sua eficácia envolve outros elementos presentes no discurso como o *ethos* político (identidade), as formas do falar (linguagem), além das próprias condições de emergência do discurso.

Segundo Charaudeau, o “*ethos* político” resulta de um conjunto complexo de relações que envolvem traços de caráter, de corporalidade, comportamentos, declarações verbais, todos relacionados com as expectativas vagas dos cidadãos, através dos imaginários que determinam os valores positivos e negativos a essas formas de ser do político (Charaudeau, 2006).

Em relação às formas do falar, Lula e Sarney possuem maneiras distintas, as quais se relacionam às suas identidades políticas, psicológicas, sociais, enfim, posse de determinados tipos de capital. Ao analisarmos a presença do discurso religioso no discurso político é necessário, também, leva em conta as condições que permitiram tanto a Lula quanto a Sarney enunciarem seus discursos dessa forma e não de outra. Ou seja, o contexto que viabilizou a articulação entre os discursos político e religioso em suas falas, sobretudo ao final da campanha eleitoral de 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo procuramos demonstrar o funcionamento discursivo, os efeitos e as relações estabelecidas entre ambos os discursos, nas falas de Lula e Sarney. Verificamos que todo discurso envolve diversos tipos de seqüências, significações que se aliam ou se afrontam em determinados momentos dentro de uma formação social e em uma determinada conjuntura, em razão da heterogeneidade das práticas discursivas, ou seja, da existência de um pré-construído, de uma interdiscursividade. Porém, em relação ao discurso político, o seu mecanismo de funcionamento vai além da simples presença de um pré-construído. Suas significações, funcionamento e efeitos envolvem uma complexa circulação de saberes, crenças, valores, operados pela posição, imagem e linguagem dos políticos e, ainda, pela própria situação que envolve a comunicação entre os diversos atores.

A eficácia do discurso político dependerá, assim, de sua capacidade de articular e de mobilizar os imaginários que encontram eco nas sociedades, provocando simpatia e adesão. Nesse sentido, os discursos político e religioso podem interagir e interpelar, porque operam imagens, crenças e emoções fortes. Eles lidam com a construção de identidades e são articulados em determinadas conjunturas históricas e políticas ou, pelo menos, ganham um sentido próprio em determinadas conjunturas. Contudo, podemos encontrar políticos, cujo discurso se caracteriza pela freqüente articulação de ambos os discursos.

Em relação, ainda, às estratégias discursivas, cabe ressaltar que a presença de argumento por analogia e metáforas também caracterizam o discurso político. Tais estratégias conferem-lhe um efeito dramático e conseqüentemente persuasivo, direcionando a atenção apenas para aquilo que se busca ressaltar e neutralizando, ou mesmo apagando, o que não se pode e não se quer mostrar. É nesse sentido que a articulação do político e do religioso nos discursos de Lula e Sarney ganham força, pelo efeito de sobredeterminação e deslocamento que promovem.

REFERÊNCIAS

- BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*. São Paulo, Edusp, 1998.
- _____. *La distinction*. Paris, Les editions de Minuit, 1979.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo, Editora Contexto, 2006.
- CORTEN, André. "Discurso e representação do político" In: INDURSKY, Freda. *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre, Ed. Sagra Luzzatto, 1999, pp. 37-52.
- HERBERT, T. "Observações para uma teoria geral das ideologias", *Rua*, n.1, 1967, pp. 63-89.
- LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. *Hegemony and socialist strategy towards a radical Democratic politics*. London, Verso, 1985.
- MOUFFE, Chantal. "Religião, democracia liberal e cidadania" In: BURITTY, Joaílto e MACHADO, Maria das Dores (orgs). *Os votos de Deus. Evangélicos, política e eleições no Brasil*. Recife, Ed. Massagana, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. "Análise automática do discurso (AAD-69)" In: GADET e HAK (orgs). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.